



O DISCURSO DE ÓDIO EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: BARREIRAS À PRÁTICA PEDAGÓGICA EM PROL DAS IDENTIDADES DISSIDENTES.

EL DISCURSO DEL ODIO EN TIEMPOS DE LA POST-VERDAD: BARRERAS A LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA A FAVOR DE LAS IDENTIDADES DISIDENTES.

HATE SPEECH IN POST-TRUTH TIMES: BARRIERS TO PEDAGOGICAL PRACTICE IN FAVOR OF DISSIDENT IDENTITIES.

William Roslindo Paranhos¹

RESUMO

Tempos de pós-verdade. Tempos em que o ódio é inculcado nos discursos e torna-se verdade. Este é o panorama que vivenciamos no Brasil de 2021 e que atinge todas as pessoas que nele vivem (mesmo aquelas que não percebem). As identidades dissidentes do padrão cisheteronormativo, por sua vez, são atacadas de forma ainda mais expressiva, junto de outras minorias, dado o fato de serem compreendidas como aquelas que vão contra à natureza ou à norma estabelecida. O presente artigo objetiva trazer reflexões e problematizações acerca do cenário atual baseando-se em uma autoetnografia desenhada sobre uma situação vivida pela pessoa autora. Verificou-se que a disseminação de ódio está banalizada, mas que, ainda que sejam utilizadas de práticas violentas, estas não são compreendidas pelas pessoas como tais, o que, por si só, surge como uma grande barreira ao desenvolvimento de um trabalho pedagógico que opere em prol da educação cidadã, pela diversidade e não opressora.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Manipulação. Diversidade sexual. Educação.

RESUMEN

Tiempos de la post-verdad. Tiempos en los que el odio se inculca en discursos y se hace realidad Este es el panorama que vivimos en Brasil en 2021 y que afecta a todas las

¹ Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento pelo PPGEHC da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atualmente é pesquisador do Grupo de Pesquisa Inovação em Ciência e Tecnologia (Comovi - UFSC/CNPq) e do Grupo Afrodite - Laboratório Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sexualidades (UFSC/CNPq).

personas que viven allí (incluso a las que no se dan cuenta). Las identidades disidentes del patrón cisheteronormativo, a su vez, son atacadas de manera aún más expresiva, con otras minorías, dado que se entienden como aquellas que van en contra de la naturaleza o la norma establecida. El presente artículo tiene como objetivo traer reflexiones y problematizaciones sobre el escenario actual basado en una autoetnografía extraída de una situación vivida por el autor. Se constató que la diseminación del odio está trivializada, pero que, incluso si se utilizan en prácticas violentas, estos no son entendidos por la gente como tales, lo que, en sí mismo, lo cual, en sí mismo, aparece como una gran barrera para el desarrollo del trabajo pedagógico que trabaje a favor de la educación ciudadana, por la diversidad y no opresiva.

PALABRAS-CLAVE: Habla. Manipulación. Diversidad sexual. Educación.

ABSTRACT

Post-Truth Times. Times when hate is instilled in speeches and becomes true. This is the panorama that we experience in Brazil in 2021 and that affects all the people who live there (even those who don't realize it). The dissident identities of the cisheteronormative pattern, in turn, are attacked even more significantly, together with other minorities, given the fact that they are understood as those that go against nature or the established norm. This article aims to bring reflections and questions about the current scenario based on an autoethnography drawn on a situation experienced by the author. It was found that the dissemination of hatred is trivialized, but that, even if violent practices are used, they are not understood by people as such, which, in itself, appears as a great barrier to the development of a pedagogical work that operates in favor of citizen education, through its diversity and not oppressive.

KEYWORDS: Speech. Manipulation. Sexual diversity. Education.

Diversidade
e Educação

Meu ser estranho

Sou uma figura estranha no mundo

Há os que me rodeiam

Há os que me odeiam

Não compreendi a minha louca maneira de ser

Minha louca maneira de estar

Minha louca maneira de me importar

E não me importo com que todos pensem

Que todos falem

Com que todos acreditem

Eu sou aquilo que sou e isso me basta

Sou um ser que transcende

Um ser que aceita tudo e a todos

Um ser que olha o mundo de uma maneira mais colorida

De uma maneira mais performática

De uma maneira mais viva

Sou aquela/e que tem o poder de olhar o mundo sem preconceitos

Sou aquela/aquele que se dá o luxo de viver a vida de uma maneira leve

De uma maneira que enxerga a/o outra/o simplesmente como mais um ser

Sou aquelas ou aqueles

Sou elas ou eles

Sou tantos outros que queiram existir

Sou a pessoa que se dá o direito de ser, antes de tudo, feliz

Sou a pessoa que entendeu que mesmo a divindade jamais julga

Porque estou inteira

Porque sou inteiro

Porque estou toda

Porque sou todo

Porque quero que o mundo seja composto de gente

De gente que não se define

De gente estranha como eu

Mas de gente que se aceite

De gente que viva

De gente que esteja

Gente que seja

Não me pergunte se sou ela

Não me questione se sou ele

Simplesmente note o que tem dentro de mim

Tem alguém que quer ser

Independente do que for

[excluído por anonimato]

Introdução

São tempos de ódio. São tempos de pós-verdade onde, na tentativa de persuadir e manipular a opinião pública, são utilizadas práticas que atuam diretamente no campo da subjetividade humana, sejam elas verídicas ou inverídicas (DUNKER *et al.*, 2017) - conhecidas, popularmente, como *fake news*. Tais práticas utilizam o dispositivo do discurso que, segundo Foucault (2012), ao serem produzidas e reproduzidas

constantemente, acabam tornando-se uma verdade indiscutível. Prova disso são os inúmeros acontecimentos que, nos últimos anos, “influenciaram, as narrativas que se construíram em torno de um evento, como, por exemplo, na greve dos caminhoneiros e no assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Pedro Gomes” (SEIXAS, 2018, p. 123).

Quando há uma ruptura cronológica no tempo e percebe-se o início deste novo período que perdura em nossas existências? Não se sabe, ao certo. Em se tratando do campo político e de sua relação com as pautas que envolvem as minorias, sobretudo aquelas que representam corpos, saberes e seres que são dissidentes de um padrão cisheteronormativo (SIERRA; CÉSAR, 2016), podemos afirmar, de acordo com Pereira e Sierra (2020), que há um aprofundamento de tais dispositivos em período limiar ao ano de 2011 quando o projeto “Escola Sem Homofobia” é vetado pela então presidenta da república, Dilma Vana Rousseff, haja vista as investidas truculentas de bancadas conservadoras da câmara federal, sobretudo das bancadas representantes de grupos religiosos.

A truculência movimentou-se do interior da câmara federal, das assembleias e câmaras legislativas e invadiu as ruas, os grupos, a sociedade como um todo, até conseguir assumir um local, expressivo, de poder e operar por meio do discurso. Tão verdade é esse fato que, em pleno ano de 2018, um capitão reformado do exército conseguiu derrotar (G1, 2018), com seu discurso fundamentalista, machista, sexista, misógino, homofóbico, e todas as outras formas de opressão cabíveis e nomeáveis, o candidato que representava um projeto popular e que, diga-se de passagem, era professor. Como líder máximo de uma nação e, mais uma vez, representando a parcela que o elegeu, tal cidadão agora tinha depositado em si o poder de manipular vozes em prol de um discurso que impunha, e impõe, o ódio de maneira indiscriminada, considerando todas as suas manifestações acerca do grande número de mortos pela pandemia do novo coronavírus (OMS, 2020), ou ainda sobre temas que envolvem o contato com as minorias. O discurso, mais um vez, torna-se verdade e, assim sendo, é naturalizado (FOUCAULT, 2012). Agora naturalizado, o discurso, por sua vez, torna-se um instrumento de manipulação e controle de massas (FOUCAULT, 2008).

Ao final da construção introdutória de um estudo, a norma metodológica ortodoxa exige de nós, pessoas pesquisadoras, que tornemos explícitos o objetivo central da proposta bem como a pergunta de pesquisa definida a fim de nortear todo o processo de estruturação. No entanto, ao me debruçar sobre uma perspectiva pós-

estruturalista, perfazendo uma construção rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1992), que nada mais é do que minha própria vida em toda a sua complexidade e singularidade, desejando que esta possa entrecruzar-se com outros conceitos e planos indefinidos, deslocando-se na perspectiva pessoal de cada criatura e promovendo inquietudes, é que desto-o do padrão e não expresso qualquer objetivação.

Na realidade, expresso aqui, por meio de uma autoetnografia (WILLERDING, 2015), todas as minhas inquietações, meus sofrimentos, descrevo as situações que vivenciei - em especial um ataque sofrido em uma rede social profissional entre os meses de julho e agosto de 2021 - e, acerca delas, escrevo livremente no desejo de que, alguma delas, faça sentido e afete as pessoas leitoras. Não podemos mais nos expressar? Não temos o direito de ser quem somos? Ou esse direito nos é possibilitado, contanto que fique recluso ao “submundo”, ao mundo das pessoas impuras? Estamos nós fadades à morte, quando a violência é banalizada de tal forma que nos deparamos com possíveis pessoas assassinas a cada esquina ou em cada rede social? Como todo este cenário pode afetar negativamente o campo pedagógico?

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa tem, por premissa básica, a (re)orientação da práxis, ou seja, oferecer um norte ao campo social, onde a teoria é colocada em prática. Por tal motivo, sua finalidade é fornecer respostas aos problemas que são localizados neste campo prático, de maneira racional (GIL, 2018). Para que tal desenvolvimento possa ocorrer de maneira sistemática, Creswell (2014) sugere que seja definida uma metodologia que possibilite o ordenamento do processo.

A pesquisa científica possui um caráter, assim como toda a história humana, que se pauta em preceitos eurocêntricos e patriarcais, ainda extremamente presentes em nosso cotidiano, seja por meio de representações do viés inconsciente ou mesmo por fatos bastante concretos e explícitos. Assim, a academia, em um primeiro momento, possui uma tendência epistemológica cartesiana, influenciada, principalmente, por essa necessidade racional. Ora, racionalizar não está exclusivamente relacionado ao fato de quantificar, mensurar, objetificar, ainda mais quando tratamos de pesquisas que envolvem aspectos humanos e subjetivos.

Assim sendo, quando a pessoa pesquisadora percebe a necessidade desse deslocamento no processo científico e deixa claro, em seu horizonte de trabalho, que

seu objetivo de estudo abarcará a compreensão de contextos complexos onde pessoas estão inseridas e que estas, por sua vez, são carregadas de aspectos subjetivos, que por sua vez influenciarão diretamente os problemas apresentados em um primeiro momento, a pesquisa qualitativa surge como um modelo metodológico possível de produzir resultados substanciais (YIN, 2016). O presente artigo, dessa forma, se classifica como qualitativo, no que concerne à sua abordagem, pelo fato de considerar a vivência da pessoa pesquisadora, as situações por ela experimentadas e todos os atravessamentos ocorridos dado seu aspecto subjetivo.

No que diz respeito aos seus objetivos, o estudo pode ser definido como exploratório, descritivo e aplicado. Exploratório, haja vista o fato de proporcionar uma aproximação da pessoa pesquisadora com o problema, possibilitando sua explicitação e posterior construção de conceitos e hipóteses (GIL, 2018). Em relação ao caráter descritivo da pesquisa, o mesmo se dá pelo fato de tornar possível a descrição das principais características de determinado fenômeno (YIN, 2016). A pesquisa é, por fim, considerada aplicada, em virtude de objetivar gerar “conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20) que, de acordo com Gil (2018), são identificados no contexto social em que as pessoas pesquisadoras vivem.

Ao trazer a centralidade da pesquisa para o “eu” existencial, tomo a decisão de coletar dados para a pesquisa por meio de uma autoetnografia, método oriundo da pesquisa etnográfica, que tem sua origem no campo da antropologia, utilizada, em sua gênese, para abordar questões específicas acerca de uma determinada cultura, como seus comportamentos, crenças e valores, após a realização de um trabalho de campo. Seu principal propósito era o de analisar as pessoas em seu próprio ambiente, possibilitando a manifestação de fenômenos inesperados (GIL, 2018). No momento em que utilizamos o prefixo “auto” dotamos o termo "etnografia" da significância de “si mesmo”.

Assim, considerando as afirmativas de Chang (2013), a pesquisa autoetnográfica utiliza da biografia da pessoa pesquisadora como fonte primeira para a coleta de dados, evidenciando-a como “como sujeito de pesquisa, produtora de conhecimento sobre si, sobre suas vivências, provenientes de sua trajetória” (WILLERDING, 2015, p. 26), em especial, neste trabalho em relação ao ataque sofrido pela pessoa pesquisadora em uma rede social profissional, entre os meses de julho e agosto de 2021. Por fim, também utilizado como prática para coleta de dados e possibilitando a realização de análises e conexões acerca do ataque ocorrido e da temática como um todo, foi desenvolvido um

questionário estruturado que fora disponibilizado, por meio de plataformas digitais, às pessoas que, anonimamente, quisessem respondê-lo, indagando qual seria sua percepção pessoal acerca do ataque em questão.

(Des)identidades dissidentes

O conceito de identidade traz em si a compreensão acerca de características singulares e exclusivas, por meio das quais pode se concretizar a diferenciação das pessoas diante do amplo conjunto da diversidade. Por tal razão, não abordada de forma tão direta, a identidade esteve presente na construção da filosofia histórica diretamente relacionada com o verbo ser e todas as suas modalidades de conjugação: sou, és, é, somos, sois, são. Contudo, com o advento da propriedade privada que dava direito somente ao rei de adquirir novas terras, e não mais à nobreza (ANDRADE, 2020), tornou-se necessária essa injunção pronominal que organizasse as relações não mais no sentido amplo do “ser”, mas na restrição do “eu”.

A partir de então, “eu sou”, “eu posso”, “eu consigo”. Surge a individualidade. Para compreendê-la, por mais que eu esteja aqui militando em prol de uma prática libertária e pós-estruturalista, me vejo na necessidade de retornar à Hegel, o qual tornou-se conhecido ao desenvolver sua tese: “o conceito de identidade é levado por Hegel para o interior do Estado considerado como um Todo, onde se minimizam as diferenças e as desigualdades e se racionaliza uma unidade que contém a multiplicidade” (RUBEN, 1988).

Dentro da concepção hegeliana é que se concretizam as pessoas enquanto indivíduos - gênese da noção individualista - sendo estas percebidas, a partir de agora, como “partes” essenciais para formar o todo, mas já não mais compreendem esse todo em si, ou seja, há um explícito deslocamento da ênfase conferida ao holismo social para o indivíduo como uma parte isolada.

Paralelamente, e em época bastante próxima, devemos observar a eclosão do sistema capitalista com as revoluções Inglesa e Francesa. Esta última, sobretudo, traz consigo profundas transformações no desenvolvimento laboral, culminando, inclusive, na divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007). Deste momento em diante todo o sistema patriarcalista, que já enaltecia o poder masculino em detrimento do feminino, é maximizado, operando divisões ainda mais expressivas e gerando ainda mais mecanismos de opressão.

É importante, aqui, chamar a atenção para uma questão: reconheço, defendo e acredito que todas as pessoas autoras e pesquisadoras devam utilizar e publicizar todo o material epistemológico desenvolvido pelas pessoas feministas negras, sobretudo mulheres, como aqueles que, por exemplo, nos orientam pelas avenidas das opressões identitárias e interseccionalidades, lentes mais do que necessárias para o reconhecimento de todos os mecanismos que reproduzem violências. Contudo, no instante em que devo possibilitar à pessoa leitora um entendimento acerca da criação dos corpos normativos, não vejo outra maneira mais adequada e de fácil compreensão que não seja aquela abordada pela perspectiva eurocêntrica.

Com o trabalho dividido sexualmente - compreendido aqui como a divisão entre o que seja trabalho “de homem” ou “de mulher”, ao considerar o sexo biológico -, um outro dispositivo de poder é ativado de maneira expressiva: o sexo. Em *História da sexualidade e a vontade de saber*, Foucault (2014) entrecruza esse novo regulamento com um antigo dispositivo, o discurso. A partir de então, fala-se sobre sexo, possibilitando que o sexo torne-se um assunto trivial o bastante para que não seja concretizado por simples lazer. O sexo, ao contrário, é uma prática sacra - em uma latente abordagem de dominação por meio da religião - que serve somente à reprodução (PEREIRA; SIERRA, 2020).

Ora, o sexo reprodutivo é, sabidamente, ligado à prática heterossexual, haja vista a formação biológica das pessoas que decidem praticá-lo. Contudo, a necessidade da prática heterossexual, salvo os casos de livre e espontâneo desejo, só é exigido quando da característica reproducionista. Cria-se, então, uma nova norma, uma nova verdade (FOUCAULT, 2012; FOUCAULT, 2014): sexo é uma prática que deve ter em vista “as práticas sexuais monogâmicas, heterossexuais e reprodutivas” (CÉSAR, 2009, p. 45).

Deste momento em diante “o sexo biológico se tornou motivo de orgulho e de ataque à diferença, sobretudo, porque a partir daí é possível atribuir um sexo ou um gênero danificado, criando um terror aos atos sexuais e/ou afetivos dissidentes” (PEREIRA; SIERRA, 2020), sendo que corpos e identidades devem seguir tal normatização, a norma da cisheteronormatividade, para que se tornem viáveis e vivíveis (SIERRA, 2013) ao “cistema”, e todos aqueles considerados como condizentes devem ser rechaçados, excluídos, marginalizados, estigmatizados. Tornam-se não corpos, não-seres e não-identidades e, com isso, passíveis de sofrerem com atitudes de violência e discriminação.

(Des)identidades dissidentes: alvos de ataque

Sou pessoa homem cis gay, branco, militante das causas LGBTQIA+, pesquisadora e professora nas temáticas que envolvem os estudos da diversidade. Além disso, neste momento, começo a experimentar, por conta de problemas de saúde que me limitam fisicamente, algumas nuances da opressão às pessoas que dissidem do padrão corponormativo.

Em 29 de julho de 2021, realizei um *post* no LinkedIn intitulado “Resposta pública ao Deputado Jessé Lopes, de Santa Catarina” [*excluído por anonimato*], repudiando a ação preconceituosa e discriminatória, por parte do referido deputado, em relação ao caso do professor da rede pública de Rio Negrinho/SC que foi atacado por pessoas professoras, políticas e religiosas da cidade em decorrência de um projeto desenvolvido por ele em âmbito escolar, o qual abordava a temática de diversidades - (BATTISTELLA, 2021).

FIGURA 1: Postagem intitulada: “Resposta pública ao Deputado Jessé Lopes, de Santa Catarina” - *LinkedIn*.





William Roslindo Paranhos (Ele / He / Él) 🇺🇲

Pesquisador • Diversidades, Interseccionalidade, Integralidade Humana • Diversidade na Escola • Diver...
2 sem • 🌐

Peço a ajuda de TODES, TODAS E TODOS na divulgação e compartilhamento dessa resposta contra os ATAQUES realizados pelo Deputado Estadual Jessé Lopes à comunidade LGBTQIA+.



Resposta pública ao Deputado Jessé Lopes, de Santa Catarina.



👍👎🗨️ 60

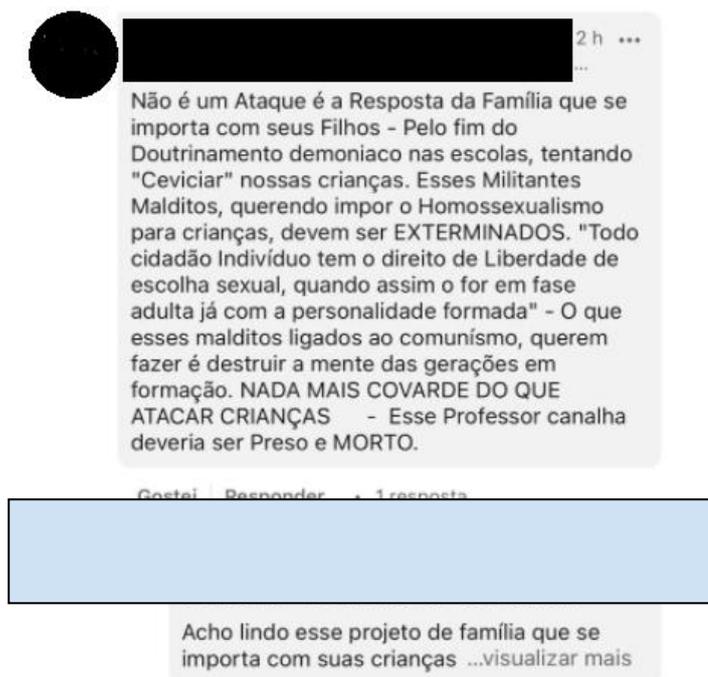
11 comentários • 144 visualizações

Fonte:

<https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:6826493065574912000/>

Ocorre que, em 09 de agosto de 2021, alguns dias após a publicação, fui surpreendido por um comentário em minha postagem. O senhor Bozo (codinome que será utilizado para preservar a identidade da pessoa agressora), realizou um comentário na publicação citada acima, fazendo uso de discurso de ódio, apologia ao crime e LGBTQIA+fobia - FIGURA 2. O mesmo usou de termos como "extermínio" e "morte" das pessoas homossexuais. Enquanto militante LGBTQIA+ e dos direitos humanos, homem gay assumido, pessoa professora e pesquisadora da área, me senti atacado e ameaçado com o comentário.

FIGURA 2: Comentário com discurso de ódio realizado na conta pessoal da pessoa autora.



Fonte: Pessoa autora (2021).

É importante salientar que, após o episódio, realizei a denúncia do comentário junto à rede social, o que acabou culminando com a exclusão, automática, do comentário. Além disso, constatei que o senhor Bozo possui contas em outras redes sociais e que faz uso do mesmo tipo de discurso, difundindo o ódio e a aversão às pessoas LGBTQIA+ e outras minorias.

Analisando seu texto, alguns trechos tornam ainda mais explícito o discurso que tende a manipular as pessoas por meio de falas com cunho religioso, sem fundamentação epistemológica ou mesmo extremistas. Com “doutrinação demoníaco”, por exemplo, Bozo representa toda uma classe política e social que afeta as massas por meio do medo e de fábulas relacionadas à, já bastante discutida, “ideologia de gênero”, promovendo aquilo que Miskolci e Campana (2017) denominaram de pânico moral. Tal pânico seria proveniente do discurso que afirma a existência de práticas educativas que possuem por finalidade tornar crianças homossexuais, transexuais, lésbicas ou pertencentes a outras categorias da diversidade sexual, todas dissidentes daquele padrão normativo imposto. A afirmativa pode ser constatada, inclusive, na fala de Bozo, quando diz que “esses militantes malditos, querendo impor o homossexualismo para crianças”.

Iniciada a prática de destilar o discurso de ódio, Bozo parte para a ameaça, ao escrever que os ditos militantes deveriam “ser exterminados”. Extermínio advém do

verbo exterminar que, por sua vez, indica o ato de destruir de maneira a eliminar por morte. O que Bozo, Hitler, Mussolini e Bonaparte possuem em comum? Todos eles desejavam/desejam o extermínio de determinado grupo de pessoas. Sim, com toda a certeza, ao analisar dados quantitativos, não há comparação entre Hitler e Bozo, além do fato de que, em momento algum, estou afirmando que o mesmo já tenha algum tipo de crime factual. Contudo, a gênese, a base subjetiva que sustenta tal ato é a mesma: exterminar.

A ligação, infundada, à determinada ideologia política - o comunismo - surge nos dizeres do comentário realizado. Retornando ao início deste artigo, devemos recordar que localizamos, historicamente, o avanço desse processo de pós-verdade vivido no Brasil de 2021. Um dos fatos marcantes do processo, conforme afirmei, é, sem sombra de dúvidas, a eleição do candidato e atual presidente da República. O próprio líder do governo brasileiro já declarou, em inúmeras ocasiões, que deseja acabar com o comunismo no Brasil, fato que pode ser comprovado em matéria da Gazeta do Povo de 29 de outubro de 2020 (CONTEÚDO, 2020).

“Atacar” é a ação que ocorre por meio do ataque que consiste na ação de causar dano moral a alguém, ofensa, injúria. No momento em que o professor de Rio Negrinho/SC, eu ou qualquer outra pessoa docente desenvolve qualquer tipo de trabalho relacionado à diversidade, em especial a diversidade de gênero e/ou sexual, não estamos, em momento algum, atacando crianças. Ao contrário. No instante em que atuamos desta maneira dentro do escopo escolar estamos, na realidade, cumprindo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, apesar de todas as suas fragilidades e aspectos, ainda, biológico conservadores, já trata da importância de abordar tais temáticas em sala de aula e trata das temáticas de sexo e ato reprodutivo em separado, conforme trecho à seguir:

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira. Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança do seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que

representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde (BRASIL, 2017, p. 325).

“Esse professor canalha merece ser preso e morto”. Acredito que, com o excerto, não há necessidade de fazermos quaisquer tipos de análises ou conjecturas.

Alguns dias após os ataques sofridos e, vivenciando o sentimento de impunidade, decidi que algumas ações deveriam ser tomadas. Primeiramente, registrei um boletim de ocorrência no 5º Distrito Policial de Curitiba, sob o n.º 2021/815418. Paralelamente, decidi que deveria manifestar minha indignação diante das ameaças sofridas e resolvi redigir uma carta aberta, endereçada à direção do *LinkedIn* no Brasil, além de outras autoridades que sejam responsáveis por crimes cibernéticos. Quantas pessoas passam por situações como essa todos os dias? Quantas situações são desconhecidas e ficam impunes pelo fato de as pessoas acharem que estarão gritando sozinhas e que sua luta não surtirá efeito?

Temos que lembrar o recente e triste caso do adolescente Lucas, de 16 anos, filho da cantora Walkyria Santos que, após postar um vídeo em sua rede social trocando carinhos com um amigo, recebeu inúmeros comentários LGBTQIA+fóbicos e, por conta deles, acabou comentando suicídio (NEVES, 2021). O princípio de ambos os casos é o mesmo, e está ocorrendo de maneira cada vez mais frequente.

Assim, para que as assinaturas pudessem ser coletadas, resolvi criar um formulário na plataforma *Google Forms*, onde também foram adicionados dados como nome, cidade de residência, data de nascimento e número do CPF, possibilitando o reconhecimento legal. Infelizmente a carta obteve um total de, irrisórias, 355 assinaturas. Sim. Afirmando com tristeza que considero esse retorno como irrisório pelo fato de perceber, de maneira clara, a seriedade do caso e sua representatividade. Contudo, também fico feliz ao saber que 355 pessoas resolveram se indignar e gritar comigo.

Afora as informações coletadas, utilizei do formulário para realizar um único questionamento, no intuito de poder saber quantas pessoas já haviam passado pela mesma situação e compreender de que maneira o caso estava sendo encarado pelas pessoas e, a partir desta análise, criar uma perspectiva acerca de como casos similares

estavam sendo tratados no país. A pergunta realizada foi: Você já sofreu algum tipo de ataque ou ameaça por meio das redes sociais? Como alternativas de resposta, as pessoas encontravam as seguintes opções: “Sim”, “Não” ou “Já recebi mensagens parecidas, mas não vejo que seja uma ameaça”. Os retornos estão expressos na FIGURA 3.

FIGURA 3: Retornos obtidos por meio do formulário disponibilizado.



Fonte: Pessoa autora (2021).

Das 355 pessoas respondentes, 58%, que corresponde a 206 pessoas, afirmaram já ter sofrido algum tipo de ameaça em redes sociais. 136 pessoas, o que corresponde a 38,3% do total, escolheram a alternativa que negava qualquer tipo de ameaça sofrida. Aqui, uma pausa. Achei que os resultados parariam por aí. Para minha, infeliz, surpresa, 13 pessoas, o que corresponde a 3,7% do total, disseram já ter recebido mensagens como a que recebi, mas que não consideravam que a mesma tivesse sido uma ameaça.

“Demoníaco”, “malditos”, “exterminar”, “matar”. Estas são algumas das palavras utilizadas pelo autor dos comentários. Ora, no instante em que uma pessoa afirma que outra deve ser morta, exterminada, isso não traduz um tipo de ameaça?

Discursos de ódio e barreiras impostas a uma educação libertadora

Educação libertadora é, em sua gênese, uma perspectiva teórica freireana. Talvez mais do que uma perspectiva ou uma metodologia. Uma bandeira, uma causa pela e para educação. Ação Cultural para a Liberdade, Cartas à Guiné Bissau, Educação na Cidade, A Sombra desta Mangueira, Cartas à Cristina, Pedagogia da Autonomia,

Educação como prática de liberdade e Pedagogia do Oprimido são algumas obras deste grande educador brasileiro (FGV, 2020; SANTIAGO, 2020), que defendia uma educação que potencializasse pessoas a fim de que elas pudessem perceber o quanto estão engendradas em um mecanismo pessoa opressora X oprimida, sendo que tais mecanismos operam em nível inconsciente - construído a partir dos aspectos subjetivos, históricos e culturais - o que impossibilita seu acesso em plena consciência.

Temos recebido crianças, adolescentes, jovens e adultos em nossas escolas, sejam elas do nível infantil, fundamental, médio ou superior, disparando falas de cunho conservador, extremista e violento, seja por meio de sentenças concretas, estruturadas conscientemente, ou por meio de orações que são externalizadas considerando os vieses inconscientes que comandam os padrões de linguagem e comunicação, o que, por sua vez, se traduz em uma violência simbólica (BOURDIEU, 2019). O cenário que possibilita a

[...] dor e sofrimento em inúmeras pessoas, ao não aceitar e, sobretudo, atacar seus aspectos subjetivos, é o mesmo que criou, a partir do senso comum, o chamado movimento dos “mi-mi-mis”. Para essas pessoas, as pautas defendidas pelas minorias seriam desnecessárias, pelo fato de que existiriam, segundo elas, elementos suficientes - legislações específicas, por exemplo - que atendem a todas as pessoas de forma igualitária. No entanto, diante dessa “desnecessidade” defendida por grande parte da chamada maioria, torna-se evidente um processo de desqualificação do “sentir” das outras pessoas, e diante de tal desmerecimento já estão estabelecidas formas de violência [*excluído por anonimato*].

Não há como agir. Não há para onde correr. Em um momento como o vivido hoje, onde se torna tão fácil, tão comum, tão natural, que pessoas saiam comentando em redes sociais que outras devem ser mortas, adotar “uma leitura performativa dos discursos de ódio pode nos ajudar a situar as estratégias ultraconservadoras de um modo mais objetivo” (PEREIRA; SIERRA, 2020, p. 53).

Precisamos, por meio do trabalho pedagógico, problematizar essas situações, questionar de onde surgem, como se fundam os discursos que estão sendo reproduzidos diante de nossos próprios olhos e que, muitas das vezes, nos atacam de maneira direta, violentando nosso íntimo e nos preenchendo com um sofrimento que parece não ter fim, seja ele pela sensação de impunidade ou mesmo por nos sentirmos diminuídas, menosprezadas, inferiorizadas enquanto pessoas.

Considerações para não finalizar. Para ir além.

É importante destacar que a proposição de tal artigo vai muito além do fato em si. O que faço aqui é um apelo, um grito de socorro, pois estamos com medo! Tais ações têm se tornado cada vez mais constantes em nosso cotidiano, onde inúmeras pessoas são ameaçadas todos os dias. Muitas delas não recorrem aos órgãos competentes pelo fato de terem medo, insegurança, ou por acharem que sua voz, solitária, não será ouvida. A voz da pessoa [*excluído por anonimato*], e a voz de todas as pessoas que sofrem os mesmos ataques, é para provar exatamente o contrário.

Outro ponto importante que ressalto é a necessidade de que nos seja garantido o real Estado de direito, liberdade de expressão e de integridade física e psicológica. As redes sociais são espaços de coligações pessoais e profissionais, e tamanha agressão, contra qualquer pessoa que esteja exercendo sua liberdade de existência e laboral, não pode ser tolerada. O ocorrido comigo atinge todos, todas e todos os profissionais e pessoas LGBTQIA+ do país que, com seus talentos e disposições, trabalham com temas de diversidades, inclusão e justiça social em prol de uma sociedade mais justa, fraterna e equânime.

No princípio deste trabalho eu desejei que do porvir gerado pela leitura deste, novos objetivos pudessem ser traçados e novas perguntas incomodassem de tal forma que nos levassem a reiniciar o processo em busca de respostas, mesmo sabendo que elas talvez jamais viriam. Contudo, o intuito desse sentimento não foi o de não trazer respostas, de fato. Tenho a profunda vontade de que toda a estrutura apresentada, e toda a vivência expressada, possam ser significativas na existência das pessoas leitoras, potencializando-as para poder lidar com e lutar contra momentos como o que vivemos, onde o ódio impera e onde temos medo de viver a nossa integralidade.

Desejo, de fato, que essa maneira de pensar e transcrever produza desconforto bastantes expressivos que nos possibilitem - pois me incluo, na ânsia de finalizar o presente trabalho querendo reconstruí-lo - refletir com, desconstruir, repensar, desarticular, desinformar, enfim, nos possibilite um processo dialético que vá do limítrofe ao profundo, permitindo-nos a compreensão acerca dos mecanismos nos quais estamos todas engendradas, e que lá, na profundidade, perceba a necessidade de uma reconstrução. Que nesse processo nossos objetivos sejam traçados e nossas perguntas tornem-se incômodas o bastante nos levando a, novamente, iniciar o processo em busca de respostas. Respostas que, talvez, jamais virão.

Referências

- ANDRADE, Diogo Calasans Melo. O surgimento do “estado” e da “propriedade privada” na Idade Antiga e na Idade Média. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 309-324, 31 maio 2020. Passagens. <http://dx.doi.org/10.15175/1984-2503-202012208>.
- BATTISTELLA, Clarissa. **Professor de Rio Negrinho deixa a cidade após ataque por trabalho sobre diversidade em escola**. 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/professor-de-rio-negrinho-deixa-a-cidade-apos-ataque-por-trabalho-sobre-diversidade-em>. Acesso em: 14 out. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
- CÉSAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.
- CHANG, H. *Autoethnography as Method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008. 229 p.
- CONTEÚDO, Estadão. **Bolsonaro diz que irá acabar com o comunismo no Brasil: “somos a liberdade”** Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-comunismo-brasil-maranhao-flavio-dino-pcdob/> Copyright © 2021, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-comunismo-brasil-maranhao-flavio-dino-pcdob/>. Acesso em: 14 out. 2021.
- CRESSWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 335 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Prado Jr,B; Muñoz A.A. Trad. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M.; SAFATLE, V. Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense, 2017. 144 p.

FGV. **Paulo Freire**. Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo_freire. Acesso em: 23 jun. 2021.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

G1, Portal. **Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>. Acesso em: 14 out. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 37, n. 132, p. 595-609, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742007000300005>.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 725-748, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>.

NEVES, Carla. **Filho de 16 anos da cantora de forró Walkyria Santos é encontrado morto em casa**. 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/08/filho-de-16-anos-da-cantora-de-forro-walkyria-santos-e-encontrado-morto-em-casa.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report – 51. [S. l.]: OMS, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200311-sitrep-51-covid-9.pdf?sfvrsn=1ba62e57_10. Acesso em: 15 jun. 2020.

PEREIRA, Tamires Tolomeotti ; SIERRA, Jamil Cabral . Uma ficção biológico-conservadora: discursos de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero e seus impactos na educação. **RETRATOS DA ESCOLA**, v. 14, p. 39-56, 2020.

RUBEN, Guillermo Raúl. **Teoría Da Identidade**: uma crítica. Uma Crítica. 1988. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1986/anuario86_ruben.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

SANTIAGO, E. **Biografia**: Paulo Reglus Neves Freire, pedagogo, recifense, cidadão do mundo. Cátedra Paulo Freire: UFPE, 2020. Disponível em: <http://www.catedrapaulofreireufpe.org/memoria-paulo-freire/biografia/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, [S.L.], p. 122-138, 29 abr. 2019. Revista Eletronica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. <http://dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197>.

SIERRA, Jamil Cabral; CÉSAR, Maria Rita de Assis . A criança queer no cinema e as subversões das normas de gênero e sexualidade na escola. **Reflexão e Ação (Online)**, v. 24, p. 47-60, 2016.

SIERRA, J. C. **MARCOS DA VIDA VIÁVEL, MARCAS DA VIDA VIVÍVEL: o** governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional lgbt. 2013. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância/UFSC, 2001.

WILLERDING, Inara Antunes Vieira. Arquétipo para o compartilhamento do conhecimento à luz da estética organizacional e da gestão empreendedora. 2015. 328 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Revista
Diversidade
e Educação

Recebido em outubro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.